

Gabriella:

Me fale mais sobre você:

Para começar, o que mais me define profissionalmente é ser uma engenheira civil com forte orientação à resolução de problemas, especialmente em contextos que exigem análise, organização e tomada de decisão estratégica. Atualmente, busco aplicar essa capacidade em ambientes dinâmicos e desafiadores, como o da Eneva, onde a inovação e a busca por soluções eficientes são constantes.

Minha trajetória profissional me aproximou bastante da intersecção entre engenharia, estratégia e operação. Na Eletrobras, por exemplo, atuei em análises técnicas e estudos de viabilidade no setor de energia, com destaque para um projeto de descarbonização da Amazônia, onde comparei diferentes cenários energéticos para apoiar a tomada de decisão. Essa experiência me proporcionou uma visão estratégica e a capacidade de analisar dados complexos para gerar insights.

Além disso, na microempresa da minha família, desenvolvi um forte senso operacional e de responsabilidade ao estruturar controles financeiros e acompanhar custos, o que trouxe mais previsibilidade à gestão e me deu uma visão de dono.

Estou aqui porque vejo na Eneva a oportunidade ideal para aplicar e expandir minhas habilidades em um setor estratégico e em constante evolução. A conexão entre operação real, crescimento e desafios complexos que a Eneva oferece é o que mais me atrai. Acredito que minha capacidade analítica, meu aprendizado rápido e minha busca por soluções práticas se alinham perfeitamente com o ambiente da empresa, e estou pronta para contribuir ativamente para os desafios e o crescimento da companhia como trainee.

Fale sobre um erro que você cometeu em um projeto acadêmico ou profissional e o que aprendeu.

Uma situação em que eu aprendi bastante aconteceu na microempresa da minha família, a Bela Palha, quando eu comecei a atuar mais diretamente na organização financeira e operacional do negócio.

No início, um erro que cometi foi tentar organizar muitos controles ao mesmo tempo, sem priorizar quais informações eram mais importantes para a tomada de decisão no curto prazo. Eu queria deixar tudo mais estruturado, mas percebi que, para a rotina da empresa, controles muito detalhados ou pouco práticos poderiam dificultar o uso no dia a dia.

A partir disso, eu precisei ajustar minha abordagem. Passei a focar primeiro no que realmente ajudava a gestão: controle de custos, acompanhamento de entradas e saídas, organização de informações financeiras e maior clareza sobre a operação. Também aprendi a adaptar as ferramentas à realidade de quem iria utilizá-las, e não apenas ao que parecia ideal no papel.

Como resultado, os controles ficaram mais simples, mais úteis e mais fáceis de manter. Isso ajudou a trazer mais organização e previsibilidade para a gestão do negócio.

O principal aprendizado foi que uma boa solução não é necessariamente a mais complexa, mas a que resolve o problema real de forma prática e sustentável. Vejo muita conexão com a Eneva, porque em um ambiente operacional e dinâmico, especialmente em início de carreira, é essencial saber priorizar, aprender rápido com os ajustes e construir soluções que funcionem na prática.

Como você se mantém atualizado sobre as novidades do setor e quais são as suas principais fontes de informação para entender as tendências e desafios, como os relacionados à descarbonização e digitalização?

Eu me mantenho atualizada combinando fontes técnicas, notícias do setor e estudos de mercado. Costumo acompanhar conteúdos de empresas e instituições do setor elétrico, notícias sobre energia e sustentabilidade, além de relatórios e materiais sobre transição energética, descarbonização e novas tecnologias.

Na Eletrobras, isso se tornou ainda mais importante, porque eu participava de análises técnicas e estudos de viabilidade ligados ao setor de energia. Então, aprendi que não basta acompanhar a notícia; é preciso entender como aquela tendência impacta custo, operação, segurança energética e tomada de decisão.

Também busco me desenvolver em temas ligados à digitalização e análise de dados, porque vejo que o setor de energia está cada vez mais dependente de informação bem estruturada para gerar eficiência e apoiar decisões melhores.

Para mim, manter-se atualizada é uma forma de ganhar repertório e contribuir

melhor. No contexto da Eneva, isso faz muito sentido, porque é uma empresa que atua em um setor estratégico, com desafios reais de crescimento, operação e transição energética.

Como você enxerga essa mobilidade e a possibilidade de atuar em diferentes regiões e contextos, e como isso se alinha aos seus objetivos de desenvolvimento profissional?

Eu enxergo essa mobilidade como uma das partes mais importantes do programa, porque acredito que o desenvolvimento em um trainee acontece justamente quando a gente é exposto a diferentes realidades, equipes e desafios.

Para mim, atuar em diferentes unidades operacionais pelo Brasil seria uma oportunidade de entender a Eneva de forma mais completa, não só pela perspectiva corporativa ou estratégica, mas também pela realidade da operação.

Na Eletrobras, por exemplo, eu tive contato com estudos e análises ligados ao setor de energia, mas entendo que conhecer a operação na prática amplia muito a capacidade de tomar decisões melhores. Então, poder vivenciar diferentes regiões e contextos me ajudaria a desenvolver uma visão mais sistêmica do negócio, entendendo melhor os desafios locais, as particularidades das equipes e o impacto real das decisões.

Além disso, essa mobilidade também se alinha ao meu momento profissional. Eu busco um desenvolvimento acelerado, com aprendizado prático, exposição a problemas complexos e contato com diferentes áreas. Sei que isso exige adaptabilidade, abertura para aprender e responsabilidade, mas são justamente características que venho desenvolvendo.

Então, vejo o job rotation e a mobilidade não como um obstáculo, mas como uma oportunidade de crescimento. Para mim, faz muito sentido estar em um programa que me tire da zona de conforto e me ajude a construir uma visão mais ampla da empresa, do setor e do meu próprio caminho profissional.

Conte-me sobre uma situação em que você precisou se adaptar a um novo time ou ambiente de trabalho e como você contribuiu para a construção de um bom relacionamento com seus colegas ou líderes.

Na minha experiência como estagiária na Eletrobras, enfrentei o desafio de me integrar a um ambiente altamente técnico, focado em projetos de geração elétrica, e construir relacionamentos eficazes com profissionais experientes. A cultura valorizava a expertise e a colaboração, e eu, como recém-chegada, precisava rapidamente demonstrar valor e construir confiança.

Minha estratégia inicial foi uma imersão profunda: dediquei-me a ouvir ativamente, entender as dinâmicas de decisão e estudar os fundamentos do setor de energia por conta própria. Paralelamente, estabeleci um padrão de excelência nas minhas entregas, garantindo que todas as informações fossem organizadas, os dados validados e que eu solicitasse feedback proativamente. Essa abordagem não apenas me permitiu absorver o conhecimento técnico necessário, mas também sinalizou aos meus colegas e líderes meu compromisso com a qualidade e a aprendizagem contínua.

Como resultado, essa postura me permitiu não só me adaptar rapidamente, mas também construir uma base sólida de confiança. Em poucos meses, ganhei autonomia para conduzir análises complexas, como estudos de viabilidade de projetos de geração e iniciativas de descarbonização em Sistemas Isolados na Amazônia, contribuindo diretamente para decisões estratégicas da equipe. Essa experiência reforçou minha convicção de que a construção de relacionamentos duradouros é alicerçada na confiança mútua, na responsabilidade e na contribuição consistente, valores que sei serem fundamentais na Direcional Engenharia.

A Direcional tem investido em inovação e práticas sustentáveis em seus empreendimentos. Pensando em sua experiência, você já identificou alguma oportunidade de melhoria ou propôs uma solução inovadora em algum projeto ou atividade, mesmo que em pequena escala? Se sim, compartilhe como foi.

Durante meu estágio na Eletrobras, identifiquei um gargalo crítico em nossa planilha de simulação probabilística de prazos. Embora a ferramenta fosse funcional, a etapa de identificação de percentis era executada manualmente, consumindo tempo e introduzindo um risco significativo de erro humano nas análises. Essa falha comprometia a confiabilidade de projeções importantes para a gestão de projetos, e eu percebi que era uma oportunidade clara de otimização.

Assumi a iniciativa de aprofundar meu conhecimento na lógica da planilha e, de forma autônoma, desenvolvi uma solução para automatizar a identificação desses percentis. Utilizei uma combinação de fórmulas condicionais avançadas e funções de busca aproximada para integrar essa etapa ao fluxo da ferramenta. Após implementar as modificações, realizei testes comparativos rigorosos, validando os resultados e garantindo a precisão da nova abordagem. O impacto foi imediato: reduzimos o tempo de análise em aproximadamente 30% e eliminamos virtualmente os erros manuais, elevando a confiança da equipe nos dados gerados.

Para mim, essa experiência reflete o verdadeiro protagonismo, pois não esperei por uma demanda formal. Eu vi um problema, me aprofundei tecnicamente e entreguei uma solução prática e mensurável. Na Direcional, onde a agilidade e a precisão em canteiros de obra são cruciais, acredito que essa postura de identificar gargalos e resolvê-los proativamente é essencial para impulsionar a eficiência e a excelência em nossos projetos de engenharia.

Giovanna

- 1) Para começarmos, me fale mais sobre você.
- 2) A Camil tem um forte compromisso com a qualidade de seus produtos e a inovação. Você poderia nos dar um exemplo de uma situação em que você identificou uma oportunidade de melhoria ou inovou em alguma atividade, mesmo que em um contexto acadêmico ou pessoal?
- 3) A Camil valoriza a colaboração e o trabalho em equipe. Conte-nos sobre uma experiência em que você precisou trabalhar em grupo para alcançar um objetivo, e qual foi o seu papel para garantir o sucesso da equipe.
- 4) Quais são seus principais objetivos de carreira para os próximos 3 a 5 anos e como você acredita que o programa de Trainee da Camil pode te ajudar a alcançá-los?
- 5) Fale sobre um erro que você cometeu em um projeto acadêmico ou profissional e o que aprendeu.